

A rede da floresta



Aldeia Palimú, na Terra Indígena Yanomami (RR): das primeiras a receber o lótipo do Conexão Povos da Floresta

Tecnologia O maior projeto de conectividade entre povos indígenas, comunidades quilombolas e extrativistas na Amazônia nasce da filantropia e abre um mundo de possibilidades. Por *Daniela Chiaretti*, de Alter do Chão, Pará

Até há pouco, Murumuru tinha algo de Macondo nos registros oficiais brasileiros. Vilarejo pacato de 400 pessoas e pouco mais de 100 famílias, seria tão ficcional quanto o de Gabriel García Márquez, não tivesse sido finalmente reconhecido em novembro como território quilombola do município de Santarém, no Pará. Na Amazônia havia apenas 60 comunidades quilombolas nos registros oficiais.

Agora, uma estimativa mais diligente e não estatal esboça pelo menos 2 mil áreas remanescentes de quilombos. Esse mapeamento faz parte de um projeto ambicioso de conexão por internet de gente invisível que sequer consta dos mapas. É assim que os povos da floresta — quilombolas, indígenas e extrativistas — se tornaram protagonistas de uma rede poderosa de conexão na Amazônia.

O nome da iniciativa que nasceu há dois anos escancara seu objetivo: Conexão Povos da Floresta. O esforço se tornou o maior projeto de conectividade

entre povos indígenas, comunidades quilombolas e extrativistas na Amazônia. Mas é muito mais que instalar uma tomada e ligá-los à internet. Quando isso acontece, abre-se um mundo novo.

A proposta começou por mapear quantas comunidades existem nos nove estados amazônicos — para conectá-las é preciso, primeiro, encontrá-las. Em 2022, identificaram-se 4.537. Só em uma delas havia internet rápida. Entre 5% e 10% tinham algum tipo de conectividade e eram caras, intermitentes e de baixa velocidade. A região Norte do Brasil é onde estão os grandes vazios de conexão. Milhares de lugares nunca tiveram nada ou convivem com sistemas ruins.

"O leilão do 5G acabou de acontecer e cruzamos as obrigações com as comunidades. Só 50 das 4.583 mapeadas receberiam internet 4G ou 5G até 2028", diz o engenheiro florestal e socioempreendedor Tasso Azevedo, idealizador do Conexão Povos da Floresta, do Fundo Amazônia e do MapBiomias,

"Conectar as comunidades é criar a rede. E é a rede que irá gerar impacto em larga escala"
Tasso Azevedo

O projeto pretende ligar em rede, com internet banda larga, mais de 1 milhão de pessoas vivendo em 5 mil comunidades na Amazônia. São elas que cuidam e preservam 130 milhões de hectares de florestas e estão fora das políticas públicas de saúde, educação, cultura, economia, meio ambiente, segurança, cidadania e tudo mais. "Não tem escolas nas comunidades. Estamos à margem disso, estão nos negando o direito. Queremos ser incluídos, ser envolvidos", cobra Joaquim Belo, secretário de comunicação e educação do Conselho Nacional das Populações Extrativistas. É o CNS, entidade lendária que traz na sigla o "S" de seringueiros e foi criada a partir da luta de Chico Mendes, no Acre, na década de 1980.

Os "empates" de então, técnica de se deitar na floresta para impedir as ilegalidades de desmatadores, tem hoje face digital. "É fundamental essa aliança dos povos da floresta para travar uma luta de forma coletiva. Queremos ser enxergados como brasileiros", segue Belo.

Dados do MapBiomias, uma das referências no mapeamento do território brasileiro junto com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, o Inpe, mostram que menos de 1% do desmatamento ocorreu em territórios protegidos, mas as pressões são crescentes. Nos últimos dez anos, o garimpo ilegal em terras indígenas aumentou dez vezes e os alertas de desmatamento representaram 7% da área total desmatada em 2020.

Esse contexto deu corpo ao projeto. Três entidades de base lideram a coordenação institucional — os extrativistas do CNS, os indígenas da Coiab (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira) e os quilombolas da Conaq (Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos). O suporte institucional é dos institutos Conexão Povos da Floresta e Arapyauá.

Há 33 filantropias financiadoras e organizações não governamentais parceiras — a própria Arapyauá; a Gordon and Betty Moore Foundation; a Lemelson Foundation; a Fundação Roberto Marinho; a Natura; o Projeto Saúde e Alegria; o Centro de Empreendedorismo da Amazônia; o Imazon; o Ipam; a Fundação Amazônia Sustentável; o WWF; Uma Concertação pela Amazônia; o ISA; a Amigos da Terra Amazônia Brasileira; o Idesam; o Nic.br; o Ipe; a Kanindê; Uma Gota no Oceano, entre várias outras.

O primeiro encontro presencial das lideranças e dos apoiadores ocorreu em junho, em Alter do Chão, no Pará. Até então, tudo era virtual. Foram 150 participantes reunidos durante três dias para discutir os desafios do presente e os do futuro. Nas discussões dos grupos, ficou claro que é simplista e simplório pensar que se trata apenas de um esforço para conectar à internet quem não tem acesso.

A iniciativa abre a pessoas esquecidas pelo Estado oportunidades de tele-saúde, educação a distância, economia na floresta e inclusão ao Brasil. Abre, também, o lado sombrio da força e coloca em foco o alerta a indígenas, quilombolas e ribeirinhos de que na rede também há pornografia, jogos violentos e delinquentes de todo tipo.

A ideia do Conexão Povos da Floresta surgiu de uma surpresa. Foi uma conversa na conferência do clima das Na-

Aldeia Jamará, na Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau (RO): conectada em maio de 2023, é uma das 933 comunidades inseridas na rede em 237 municípios

